

RESENHA

AIUB, Monica; GONZALEZ; Maria Eunice Quilici; BROENS, Mariana Cláudia. (Orgs.). *Filosofia da mente, ciência cognitiva e o pós-humano: para onde vamos?* São Paulo: FiloCzar, 2015. 164p.

JULIANA DE ORIONE ARRAES FAGUNDES

Professora Assistente – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
julianadeorione@hotmail.com

BRUNA OLIVEIRA FERRAZ

Licenciada em Filosofia – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
brunaoliveiraf@yahoo.com.br

**DISCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS:
A MENTE E O PÓS-HUMANO**

João de Fernandes Teixeira, atualmente professor da pós-graduação em Filosofia da UFSCar, foi pioneiro e é importante pesquisador de Filosofia da Mente no Brasil, sempre com olhar atual e interdisciplinar para as Ciências Cognitivas. Em homenagem aos seus 60 anos, nada mais justo que a publicação de uma coletânea de artigos que pensam a mente, o humano e o pós-humano sob os mais diversos aspectos, refletindo os desenvolvimentos atuais e futuros de uma realidade cada vez mais artificial. Os colaboradores foram escolhidos entre pesquisadores que já interagiram com o professor homenageado.

O livro traz discussões que estão no cerne de nosso viver contemporâneo e jamais deveriam ser negligenciadas, mas que, como consequência do conservadorismo do ambiente acadêmico, ainda não conseguiram ocupar seu lugar. O pós-humano, chamado por Teixeira de trans-humano, trata o que está além do humano, a partir dos desenvolvimentos artificiais tão presentes em nossas vidas a ponto de passarem a nos constituir. As emoções passam a ser controladas por remédios, os corpos passam a ser moldados pelas cirurgias plásticas e próteses e as mentes se estendem além de nós nos objetos digitais. Os robôs desenvolvem maior plasticidade comportamental e os desenvolvimentos das Inteligências Artificiais lhes dão capacidades humanoides cada

vez mais complexas. Cabe, diante desse cenário, observamos onde estamos e para onde vamos. Nesse campo, o terreno filosófico é fértil e bastante promissor.

A obra contém quinze artigos divididos em três partes, a primeira sobre “Questões semióticas, epistemológicas e éticas do pós-humanismo”; a segunda de “Reflexões sobre teorias contemporâneas da mente” e a terceira sobre “Questões atuais de Filosofia da Mente e Neurociência”. Apresentaremos as linhas gerais de cada artigo e concluiremos com uma recomendação de público. As seções são divididas conforme as partes do livro.

I

1. Lucia Santaella aborda quatro versões do pós-humano. As versões críticas, surgidas com o *Manifesto Ciborgue* de Donna Haraway, em 1985 são as mais relevantes, pois permitem ao tema ocupar as instituições acadêmicas. Ela trata também da proposta de Pearson sobre capacidade humana de reinvenção como integrante da natureza e ainda analisa vários aspectos da filosofia de Teixeira. Para ele, a tentativa de traçar uma divisória entre humanos e ciborgues, robôs e semelhantes sempre esteve junto à tentativa de rejeitá-los. Contudo isso nunca impediu ou impedirá o avanço da inteligência artificial.

2. Ivo Assad reflete acerca do pensamento peirceano sobre as ciências aplicadas ou práticas e a tentativa de distingui-las das ciências heurísticas – já que Peirce considerou as aplicadas insatisfatórias – buscando introduzir as características e aspectos éticos sobre seus fins práticos.

3. Maria Eunice Q. Gonzalez, Mariana Broens, Carmen Beatriz Millidoni e José Arthur Q. Gonzalez pensam sobre onde o modelo mecânico do mental proposto por Freud está nos levando. O pressuposto mecanicista é apontado como um problema que está na raiz do projeto trans-humanista.

4. Nivaldo Machado se inspira em Dennett e apresenta a consciência como uma ficção linguística útil, um modelo explicativo para questões cognitivas. Defende que a consciência seja considerada um evento público e recusa sua concepção como “estado subjetivo de primeira pessoa, absolutamente privado e de ontologia não existente no mundo físico/material” (p.57).

5. Adriano N. Brito adota o naturalismo para traçar uma noção de responsabilidade compatível com o determinismo. A teoria da evolução é apresentada como chave, já que cooperação nos grupos humanos favoreceu nossos ancestrais.

6. Márcia Avelino se inspirou na frase de Teixeira acerca de como serão as relações futuras entre humanos e robôs, “nos próximos 30 anos, as pessoas carentes irão se apaixonar por robôs. Alguns terão corpos físicos, mas outros apenas corpos virtuais” (p. 69, *apud*. TEIXEIRA 2009) salientando a discussão da roboética no campo filosófico. Aborda as relações éticas entre humanos e robôs e analisa o conceito de ciborgue. De acordo com a autora, querer impedir o avanço da IA é como tentar impedir um Boeing jogando-lhe pedrinhas.

7. Monica Aiub também traz reflexões sobre o pós-humano contidas em escritos de Teixeira. A incorporação de partes artificiais no corpo é tida como o futuro pós-evolutivo humano. A autora oferece uma importante discussão sobre a psiquiatria tratar com medicamentos problemas que são sociais, políticos e educacionais. Também fala da questão histórica do preconceito social que poderia se voltar contra as inteligências artificiais. Aiub propõe uma mudança de mentalidade que altere a ideia de que somos consumidores do planeta para nos colocar como seres que coexistem, coabitam e convivem no mesmo mundo.

II

8. Jonas Coelho propõe abordagem ao mesmo tempo fisicalista e não redutiva do mental: a abordagem da dupla face. Dá exemplos retirados dos desenvolvimentos recentes das Ciências Cognitivas e oferece uma nova formulação para o problema da causação mental. Pensa também sobre porque um problema como transtorno de ansiedade pode ser tratado tanto com o uso de fármacos como com psicoterapia.

9. Edna A. Souza apresenta abordagens contemporâneas eminentes do mental: materialismos eliminativo, redutivo e emergente. Diante de desvantagens de cada uma dessas posições, propõe como alternativa o fisicalismo minimalista de Teixeira. Esclarece que o termo grego *physis* denota a natureza como um todo, ainda que imaterial. Por essa via, é proposta uma possível resposta ao problema da causação mental.

10. Sofia Miguens avalia aspectos positivos e limitações nos pensamentos de Davidson e Gallagher acerca da subjetividade. Segundo ela, Davidson está no encaixe de questões metafísicas e epistemológicas enquanto Gallagher se preocupa com problemas de psicologia e cognição. Embora os autores trabalhem a partir de pontos de vistas muito distintos, é possível que haja um tipo de complementaridade entre eles.

11. A partir de um modelo da Física Quântica, Oswaldo Pessoa Jr. e Luma Melo pretendem mostrar a possibilidade de um dualismo nos moldes cartesianos que não viole as leis de conservação da Física. Esse mesmo problema está intimamente ligado à questão de conciliar o determinismo característico dos sistemas físicos com o livre-arbítrio.

12. O artigo de Gustavo L. Toledo trata de uma situação paradoxal apontada pelo próprio Chalmers em seu pensamento. Chalmers defende a possibilidade lógica dos zumbis, seres carentes de experiências subjetivas internas, mas cujo comportamento não diferiria em nada do comportamento de um ser possuidor de mentes. Toledo pretende mostrar que o argumento dos zumbis não é tão intuitivo quanto poderia parecer.

III

13. Alfredo Pereira Jr. apresenta questões acerca da existência e natureza de um código neuronal. Supor a existência desse código infere em dizer que as funções cerebrais mais complexas poderiam ganhar uma explicação a partir de termos de combinações de funções neuronais mais simples. Um dos interesses em estudar o código neuronal é entender a forma como funcionam os neurônios centrais. O autor projeta a possibilidade de existência de um código em que os conteúdos mentais conscientes sejam criados no funcionamento físico do cérebro.

14. Daniel De Luca-Noronha falará sobre a capacidade implícita de reconhecer os estados mentais intencionais a partir da leitura dos comportamentos. Investigará a possibilidade de se acessar as crenças falsas de outros sem a necessidade de metarrepresentações explícitas. O autor analisará dois exemplos de experimentos conduzidos por Perner e por Buttelmann e colaboradores que objetivavam descobrir em qual idade os humanos são capazes de reconhecer crenças falsas de outros. A crença tem como papel motivar ações, contudo não o faz sozinha, está em relação com outros estados mentais.

15. Gabriel Mograbi faz um levantamento do que considera central no pensamento de João Teixeira: não reducionismo dos estados mentais subjetivos; materialismo combinado com ceticismo sobre a possibilidade de mecanismos cerebrais para a determinação dos conteúdos mentais e interesse pela simulação computacional. Apresenta seus pontos de discordância em relação ao professor e, ao mesmo tempo, elogia e homenageia sua postura filosófica.

As diversas discussões levantadas pelo livro podem interessar a cientistas, filósofos, psicólogos, linguistas e professores da Educação Básica que pretendem pensar a relação contemporânea do humano com o artificial, ou qualquer pessoa que tenha curiosidade sobre tais assuntos. A interdisciplinaridade que caracteriza essa obra relaciona Neurociência, Semiótica e Filosofia da Mente, entre outras disciplinas. Isso intensifica ainda mais a investigação sobre o mental, mostrando-nos que diversas áreas voltadas juntas a um objeto podem nos trazer produções mais ricas e contributivas. O debate tem um efeito positivo e interessante para a graduação, contribuindo para uma formação mais completa do licenciando em Filosofia, fazendo-o lidar melhor com diversas discussões e abordagens sobre o humano, a sociedade e o mundo contemporâneo.

Alguns dos textos poderiam ainda ser utilizados no Ensino Médio por terem uma linguagem acessível para leigos e por apresentarem temas que podem ser envolventes para adolescentes, como nos artigos de Santaella, Avelino e de Aiub sobre questão do pós-humano e as relações de humanos com robôs e tecnologias.